

SOBRE O SILENCIAMENTO DAS MULHERES NA ARTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BRUNO FERNANDES ALVES

Professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE/Sede
brunoalves65@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O silenciamento da produção feminina nas artes visuais é um fato histórico, assim como o de toda produção estética que não atenda a critérios hegemônicos estabelecidos, a saber: branca, heteronormativa e eurocêntrica, como pode ser constatado no resultado do projeto “A História da arte”, realizado pelo artista plástico Bruno Moreschi e pelos pesquisadores Amália dos Santos e Gabriel Pereira, que analisou 11 livros adotados como bibliografia em um curso de artes visuais de uma instituição de ensino superior. O resultado da análise observou que

(...) de um total de 2.443 artistas, apenas 215 (8,8%) são mulheres, 22 (0,9%) são negras/negros e 645 (26,3%) são não europeus. Dos 645 não europeus, apenas 246 são não estadunidenses. Em relação às técnicas utilizadas, 1.566 são pintores (MORESCHI, SANTOS PEREIRA, 2016, p. 2).

Michelle Perrot, em “Minha História das Mulheres” (2007, p. 13), traça um percurso histórico da invisibilidade das mulheres em diversas áreas do conhecimento, afirmando que “Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história?”. Sobre a presença feminina na produção estética do mundo, ela afirma

Escrever foi difícil. Pintar, esculpir, compor música, criar arte foi ainda mais difícil. Isso por questões de princípio: a imagem e a música são formas de criação do mundo. Principalmente a música, linguagem dos deuses. As mulheres são impróprias para isso. Como poderiam participar dessa colocação em forma, dessa orquestração do universo? As mulheres podem apenas copiar, traduzir, interpretar. (PERROT, 2007, p. 98)

A História da Arte, enquanto disciplina presente na minha formação de arte-educador, perpetuou esses silenciamentos a partir dos discursos hegemônicos anteriormente citados presentes nas bibliografias adotadas. A partir desse reconhecimento e da reflexão crítica sobre a minha prática docente foi doloroso constatar que esses discursos foram incorporados às minhas falas.

É justamente nesse momento de autoreflexão do professor que a prática docente pode ser transformada, conforme nos diz Paulo Freire:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunde com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise e maior comunicabilidade exercer em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, que quanto mais me assumo como estou assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica (FREIRE, 2004, p. 22).

Nesse sentido, este relato de experiência tem como objetivo apresentar uma prática realizada durante a disciplina optativa “Arte e Cultura Visual”, ministrada no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco no período letivo 2020/1, ocorrido entre abril e julho de 2021. A disciplina faz parte do novo Projeto Pedagógico de Curso aprovado em 2019 e implementado a partir do primeiro semestre de 2020. Apesar de integrar o novo currículo, discentes do currículo anterior podem cursar a disciplina.

“Arte e Cultura Visual” tem 45 horas-aula e tem como objetivo geral “conhecer o percurso histórico e as transformações das artes visuais na sociedade”; como objetivos específicos, “compreender as relações entre arte, sociedade e cultura; compreender os processos contemporâneos de produção artística e vivenciar processos criativos”. Em seu conteúdo programático, são discutidos temas como arte e sociedade de consumo, arte e tecnologia, arte e identidade e arte e estética urbana.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Fig. 1: Cartaz do movimento Guerrilla Girls.



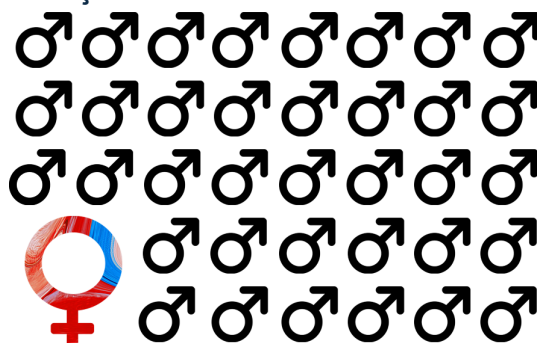
Fonte: <https://www.guerrillagirls.com/>

“O silenciamento das mulheres na Arte” foi um dos conteúdos trabalhados na disciplina¹ e para o debate foram disponibilizados textos para leitura e apresentação de algumas imagens na aula. A figura 1 apresenta a versão em português do cartaz do movimento Guerrilla Girls, coletivo formado por ativistas feministas que discutem, em suas ações, sobre a igualdade de gênero e raça na produção estética visual, e foi essa imagem que abriu as discussões sobre o tema.

A partir dessa imagem e do texto que a compõe iniciamos um debate sobre a produção feminina nas artes visuais. Uma pergunta feita na primeira aula ficou praticamente sem resposta na ocasião: qual artista visual você conhece além daquelas que constam nos livros didáticos, nos de história da arte ou no senso comum, como Frida Khalo, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti? Na aula seguinte as discentes trouxeram o resultado de suas pesquisas sobre outras artistas femininas.

O trabalho final da disciplina foi a elaboração de um cartaz que abordasse algum dos conteúdos debatidos nas aulas e que dialogasse com alguma estratégia de comunicação visual. Apesar da diversidade temática, 90% dos grupos escolheram produzir cartazes sobre arte feminina, cujas imagens evidenciaram temas correlatos como questões de aceitação da diversidade dos corpos femininos, da identidade cultural negra, da força criativa da mulher e, em alguns casos, representações de si e de sua subjetividade. A seguir, alguns dos trabalhos que foram apresentados:

Fig. 2: Produção discente “A Mulher na História da Arte”



1 Outros conteúdos foram: elementos da linguagem visual, estratégias de comunicação visual, arte africana, arte latino-americana, arte e sociedade de consumo e arte em movimento (cinema e afins).

Fig. 3: produção discente. “Corpo é História”

3. RESULTADOS

A reflexão crítica sobre a prática docente, especificamente relativa ao ensino de arte, se faz necessária para que os discursos hegemônicos sejam substituídos por uma práxis pós-colonialista, que venha a questionar os conteúdos estabelecidos por décadas nos currículos escolares acerca do silenciamento da produção estética de segmentos minoritários da sociedade.

Apesar da diversidade de temáticas disponíveis para elaboração do trabalho final da disciplina, os grupos, em sua maioria, escolheram falar da condição periférica da mulher no universo da arte a partir de uma produção estética que destacou as potencialidades da criação feminina, como podemos constatar nos exemplos anexados no corpo deste trabalho. Essa escolha evidencia a lacuna que essas discentes tiveram em sua formação escolar acerca desse conteúdo, o que pode ser confirmado a partir das falas das mesmas nas justificativas que acompanharam os cartazes.

Da mesma forma, o resultado dos trabalhos enfatiza a importância de que os discentes das licenciaturas em Pedagogia tenham diversas vivências estéticas no seu processo formativo para que eles possam, em primeiro lugar, se reconhecer enquanto sujeitos plenos de potencialidades criativas que desmistificam o senso comum, ainda existente, de que fazer arte é para poucos escolhidos e, em segundo lugar, construir

um repertório estético/prático que permita um diálogo com seus futuros alunos, crianças transbordando de imaginação criativa e, por vezes, fora das caixinhas convencionais.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MORESCHI, B.; SANTOS, A.; MOREIRA, G. **A História da _rte**. 2016. São Paulo: Itaú Cultural – Rumos. Disponível no endereço eletrônico www.historiada-rte.org

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.